

Sobre a (des)estruturação psicótica e a psicose de Norman Bates

Laura de Oliveira Tomasi Maya¹

RESUMO

Este estudo tem a intenção de buscar um aprofundamento a respeito da etiologia da psicose. Será realizado um percurso que parte da compreensão da estrutura psíquica presente nesse quadro clínico a partir da teoria freudiana e lacaniana. A teoria será ilustrada a partir da ficção com o caso do personagem Norman Bates, do filme *Psicose*, de Alfred Hitchcock, buscando suporte nas leituras psicanalíticas de Žižek sobre o tema. O enredo trágico e assustador encena o desespero do protagonista ao ter o eu aprisionado a um espaço circunscrito pelo desejo materno. A falta de simbolização sofrida em decorrência do processo defensivo (a *Verwerfung* perante a castração) faz com que Norman adoça ao não poder renunciar à unidade mãe-filho e abrir espaço para a terceirização edípica. Refugia-se, assim, em um lugar de certezas e garantias, assegurado pelo elo com a figura materna; em contrapartida, inviabiliza o desfrutar da sexualidade genital – faltante. Na clínica psicanalítica, perante a psicose, é fundamental a inscrição da função paterna no analista, dando espaço para o aparecimento do *tu* na relação analítica. Somente a partir destas condições a construção de uma história própria para estes sujeitos será possível, percurso este que a defesa psicótica eliminou, abrindo portas para que ocupem um lugar marcado pela singularidade.

Palavras-chave: Psicanálise. Psicose. Forclusão.

1 Psicóloga. Mestre em Psicologia Clínica pela PUCRS. Psicanalista em Formação pelo CEPdePA.

1 INTRODUÇÃO

*“[...] Não, não creio em mim.
Em todos os manicômios há doidos malucos
com tantas certezas!
Eu, que não tenho nenhuma certeza,
sou mais certo ou menos certo?
Não, nem em mim [...]”*
(Fernando Pessoa, 1928)

“Não fica louco quem quer.”
(Jacques Lacan, 1946, p. 177)

Desde a sua origem, a psicanálise primou pela busca de sentido àquelas formas de padecimento que não obtinham um estatuto definido pela medicina. A partir do interesse por pacientes que sofriam de sintomas considerados incompreensíveis na sua época, Freud (1883) vai desvelando os sentidos por trás daquele sofrimento aparentemente ilógico, inaugurando um olhar de respeito e de singularidade perante as enfermidades da alma. A escuta da histeria descentra a consciência enquanto motor da vida humana. O homem passa a ser governado por forças que ele mesmo desconhece em si por serem inconscientes.

Assim como Freud apostou que o padecimento histérico tinha sentido, no campo das psicoses, ele também se inquietou acerca da produção do delírio e daquilo que o psicótico tentava comunicar com o seu sofrer. Já nos tempos em que se dedicou prioritariamente aos casos de histeria, ele direcionou seu olhar à psicose, publicando o caso de uma jovem mulher – a Sra. P. – que apresentava um quadro de paranoia crônica (FREUD, 1886). Entretanto, foi em 1911, com o estudo do caso Schreber, que o campo do sofrimento psicótico ganhou mais espaço, ampliando, em termos metapsicológicos, a concepção do funcionamento psíquico característico desta enfermidade.

Abordar a problemática das psicoses nos convida a adentrar em um assunto repleto de opiniões controversas e de resistências. O enfrentamento com sujeitos que têm seu eu degradado requer uma aproximação com o que há de mais primitivo em nossa constituição psíquica. Ao mesmo tempo que assusta,

ingressar no universo despedaçado do psicótico também fascina (BORGES; SILVA, 2012).

Podemos observar diversas ambiguidades no pensamento freudiano acerca das psicoses ao longo de sua obra. Mesmo que as imprecisões façam parte do processo de construção teórica, devemos admitir a presença da ambivalência em Freud no emprego de uma linguagem própria em relação à possibilidade de a clínica psicanalítica curar essa enfermidade (FRANCISCHELLI, 2016). Ainda que a noção da impossibilidade de tratamento psicanalítico para as psicoses esteja presente em seu texto, encontramos brechas que contradizem tal posicionamento. Foram essas lacunas que os seus seguidores buscaram preencher, surgindo uma psicanálise implicada na possibilidade de tratá-las.

Este estudo tem a intenção de buscar um aprofundamento a respeito da etiologia da psicose. Para tanto, será realizado um percurso em direção à compreensão da estrutura psíquica presente nesse quadro clínico partindo da teoria freudiana. Além disso, este trajeto irá se cruzar com estudos de Lacan acerca da psicose, principalmente no que diz respeito à impossibilidade de ingresso no mundo simbólico por meio do registro do Nome-do-Pai.

Em um segundo momento do trabalho, a teoria será ilustrada a partir da ficção com o caso do personagem Norman Bates, do filme *Psicose*, de Alfred Hitchcock. Apoiando-nos nas leituras psicanalíticas de Žizek (2010) acerca dos filmes clássicos deste diretor, constatamos que o cinema se compara ao que foram os sonhos nos estudos de Freud, sendo um caminho possível para o estudo do inconsciente. Dessa forma, acreditamos que a produção cinematográfica é uma ferramenta ímpar para a construção de saberes em psicanálise.

2 NAS PROFUNDEZAS DA PSICOSE: ASPECTOS TEÓRICOS

Iniciaremos esta reflexão sobre as psicoses direcionando nosso olhar para o mecanismo defensivo presente nesta forma particular de padecer. *As neuropsicoses de defesa* (1894) foi o primeiro trabalho em que Freud lança um comentário a esse respeito. Ele define que a defesa operante nestes casos é muito mais poderosa e bem-sucedida em comparação à que acontece nas neuroses. Afirma: “o eu rejeita

(*Verwerfen*) a representação incompatível juntamente com o seu afeto e se comporta como se a representação jamais tivesse ocorrido” (FREUD, 1894, p. 64). Apesar da eficácia, a defesa coloca em jogo a relação do eu com a realidade e este se rende a uma confusão alucinatória.

Logo após, no breve relato do caso da Sra. P., Freud (1886) retoma suas reflexões, porém substitui o termo *Verwerfen* por *projeção* para nomear o mecanismo de defesa da paranoia desta jovem. Ele a descreve como um processo de recalçamento de uma autoacusação que produz um sintoma defensivo de desconfiança em relação a outras pessoas. Dessa forma, “o sujeito deixa de reconhecer a autoacusação; e como que para compensar isso, fica privado de proteção contra elas que retornam em suas representações delirantes” (FREUD, 1886, p. 182). Ainda que os termos usados no texto anterior e neste sejam distintos, a noção de expelir algo intolerável internamente para fora segue vigente no pensamento freudiano.

Após um longo recesso, o tema das psicoses é retomado a partir da história clínica do Presidente Schreber (1911). Embora não se tratasse de um paciente de Freud, os delírios do enfermo foram descritos com tamanha riqueza no livro sobre suas memórias que possibilitaram ao teórico desenvolver uma brilhante concepção sobre os mecanismos envolvidos. Este trabalho teve tanta relevância que serviu de base para estudos posteriores, não somente dentro do campo da psicopatologia, mas também dentro do universo da constituição psíquica primitiva em geral.

Nesse texto, nos deparamos com a famosa frase que diz que “o que foi internamente abolido, retorna desde fora” (FREUD, 1911, p. 78). A formação delirante e alucinatória é uma tentativa de restabelecimento no sentido de que algo que não pôde ser processado no mundo interno do sujeito, volta a partir do mundo externo. Mesmo que aqui se perpetue a noção do mecanismo defensivo da projeção, Francischelli (2016) afirma que é a ideia de algo que é cancelado dentro; retornar desde fora nos permite a interpretação aos olhos do mecanismo da *Verwerfen*.

Anos mais tarde, no trabalho do caso clínico de *O homem dos lobos*, Freud (1918) nos apresenta outra grande contribuição de seu pensamento acerca da psicose. Neste texto, ele discorre acerca de três atitudes diferentes dos sujeitos para

com a castração. Dentre estas, existiria uma – mais profunda – que teria rejeitado a castração antes mesmo de haver julgamento sobre a realidade dela. Então, o conceito de *Verwerfung* é retomado e, mais que isso, associado a um possível destino no enfrentamento do sujeito diante do complexo de castração.

Fica explícito que a rejeição da castração significa a inexistência da inscrição dela no psiquismo do sujeito. Foi no resgate a Freud, especialmente no que diz respeito ao conceito de *Verwerfung*, que Lacan desenvolveu o conceito de Foraclusão. Esta terminologia refere-se ao campo jurídico e seu significado nos diz de um processo que teve seu prazo vencido (QUINET, 2006). Ele tem correspondência com o termo *prescrição* em português. Dessa forma, a foraclusão remete à noção de lei e de sua abolição, ou seja, prescreveu o tempo de inscrição da castração no psiquismo. Voltaremos a trabalhar este conceito no discorrer desta escrita.

Ao fazer este percurso pela teoria freudiana, podemos notar uma evolução de pensamento da preocupação inicial a respeito da defesa que opera nas psicoses até a revelação daquilo que aciona tal mecanismo defensivo. A representação insuportável é a castração. Isso é reafirmado em *Neurose e psicose* quando Freud (1924a) justifica que o motivo da perda de contato com o mundo externo é uma grande frustração de um desejo por parte da realidade. Sendo a passagem pelo complexo de castração considerada traumática ao transcender às questões anatômicas de ter ou não ter o pênis, podemos associar que a grande frustração de que fala Freud corresponde a esta vivência.

No próprio caso de Schreber evidenciamos o fracasso da experiência de castração. A irrupção do feminino em Schreber está relacionada ao que Paim Filho (2012) aponta no sentido de uma homossexualidade vinculada à vivência narcísica, portanto, anterior à constituição da diferença de gênero homem/mulher. Esta proposição “[...] está atrelada à libido homossexual que vige no narcisismo.” (PAIM FILHO, 2012, p. 32). A ideia de um aprisionamento ao narcisismo remete a um tempo de indiferenciação, revelando a inoperância da experiência de castração (responsável pela inscrição das diferenças anatômicas no psiquismo).

Entendemos que existe um longo percurso para que o psiquismo se constitua e atinja formas complexas de funcionamento. A experiência edípica é estruturante e organizadora ao inscrever na subjetividade da criança o registro simbólico da

falta e da castração (QUINET, 2006). É somente a partir da inscrição desses registros que o sujeito passa para uma posição desejante, pois a marca estrutural da falta permite a abertura para a busca daquilo que sempre irá carecer. Assim, a impossibilidade de registro do complexo de Édipo em sua forma final (que implica a entrada do terceiro) e da vivência de castração presente na psicose pressupõe falhas estruturais importantes.

Em *Introdução ao narcisismo*, Freud (1914) marca que a paranoia envolve um retorno ao estágio do narcisismo. Essa ideia remete à dependência do homem a um outro chamado mãe ou substituto. A partir de sua ação específica, este outro traduz e dá sentido a experiências despedaçadas de gritos, choros e dores do *infans*, originando-se as marcas mais arcaicas do psiquismo e fundantes do inconsciente.

Anterior ao narcisismo, encontramos o estado do autoerotismo. Logo após o nascimento, o eu não se constitui como uma unidade, marcando um período caracterizado por anarquia e fragmentação (FREUD, 1914). Trata-se de um momento anárquico da sexualidade, no qual as pulsões parciais procuram satisfação no próprio corpo de forma desarticulada.

É somente pela intervenção do mundo externo que temos a fundação do eu e o início do estágio do narcisismo. Dessa forma, somos levados ao terreno das primeiras identificações. No narcisismo primário espera-se que haja uma atitude afetuosa dos pais para com o bebê, a qual precisa contemplar um desejo de perfeição direcionado ao filho com o qual ele possa se identificar (FREUD, 1914). É a identificação com o desejo parental – principalmente o desejo materno – que retira a criança de um momento pulsional anárquico e funda a unidade – ficcional – egoica.

Esta atitude dos cuidadores, segue Freud (1914, p. 97-98), requer a suspensão do “funcionamento das aquisições culturais que seu próprio narcisismo foi forçado a respeitar e a renovar em nome dela as reivindicações aos privilégios de há muito por eles próprios abandonados”. Assim, o narcisismo primário na criança corresponde à reedição do narcisismo dos pais. A suspensão das aquisições culturais evidencia que neste momento não existe a noção de falta em relação à criança. Podemos falar em um narcisismo ilimitado, de domínio de um eu ideal.

A identificação primária ocorre de forma imediata via introjeção. Na medida em que os objetos constituem fonte de prazer para o bebê, eles são tomados para si próprios, ou seja, são introjetados. Por outro lado, tudo aquilo que dentro de si se torna causa de desprazer é expelido pelo eu (FREUD, 1914). Estamos falando de um momento de vigência do princípio do prazer no registro das primeiras identificações do psiquismo.

Em geral, todos os sujeitos buscam resgatar esse estado de completude do eu ideal e esta fase inicial jamais é superada. Entretanto, as exigências da vida advertem para a necessidade de sua transformação. Para Freud (1914), o crescimento leva a criança a se deparar com as censuras de terceiros e com o seu próprio juízo, o que a retira dessa posição ideal. A maneira de recuperá-lo novamente é projetar diante de si um ideal para o eu.

Conseguimos concluir que as exigências da vida que modificam o Eu Ideal, conforme Freud referiu, seriam aquelas relacionadas ao Complexo de Édipo e da vivência da castração. A saída da posição de Eu Ideal para o Ideal de Eu cumpre sua função ao abrir portas para a maior mobilidade do desejo a partir da restrição ao incesto. Nesta renúncia, o sujeito abdica o investimento libidinal nos objetos parentais, identificando-se com eles. Assim, o Ideal do Eu está alicerçado nesta identificação com o objeto. Isso nos permite relacioná-lo com a constituição do superego enquanto herdeiro da vivência edípica.

Para Freire (1998), este Ideal do Eu age como um outro dentro de nós mesmos, que cumpre função em todos os desejos, pensamentos e ações humanas. Para a autora, no caso da psicose, em que há a impossibilidade de inscrição simbólica destas experiências, o Ideal de Eu também é expelido para fora. Isso fica evidente no delírio paranoico de perseguição (delírio de ser vigiado), pois esse agente, essa consciência, fica atribuído ao mundo exterior.

Ainda que o psicótico alcance os tempos do Édipo, pois acreditamos que, em alguma medida, todos nós passamos por ele, as nuances dessa passagem ficaram atreladas às forças narcísicas. Afinal, o que é determinante para que ocorra essa regressão na psicose? O que inviabiliza que a estrutura psíquica nesses casos não conte com a inscrição simbólica da castração?

Encontramos em Lacan elementos que estão em consonância com a teoria freudiana até então explorada neste estudo, mas que ampliam nossas reflexões

acerca das psicoses. Motivado pelos buracos presentes nos trabalhos de Freud a respeito da temática, Lacan dedicou-se à psicose, construindo conceitos que deram sequência aos construtos teóricos existentes e que serviram de pilar na edificação de toda a sua obra.

A problemática das psicoses sempre nos remete à função imaginária (LACAN, 1957-1958). Esta afirmativa lacaniana nos possibilita pensar que a gênese da psicose se estabelece na relação mãe-filho. Explicaremos. No texto *O estágio do espelho como formador do Eu* (1949), Lacan traz a noção de uma ausência subjetiva do *infans*, o que vai se formando a partir de imagens. Pela imagem do Outro refletida no espelho é que a criança vai percebendo a sua própria imagem, e o eu despedaçado passa a ter uma forma unificada por meio desta primeira identificação com o Outro. Estamos no campo da função imaginária, a qual corresponde à estrutura mais arcaica do inconsciente, regido por um universo de imagens.

A imagem refletida será sempre a do Outro. Assim, a constituição do eu sempre terá um caráter ilusório, nas palavras de Quinet (2006), já que ele se torna uma unidade marcada por um desconhecimento, um não reconhecimento, um engodo. Segundo o mesmo autor, a subjetividade tem como característica a bipolaridade, atribuindo ao eu a particularidade de ser essencialmente paranoico, pois ele sempre está acompanhado de seu duplo especular (o eu ideal).

De maneira breve, o Outro, para Lacan (1964), é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo o que vai fazer parte do sujeito, ou seja, de onde este vai aparecer. Isso significa dizer que o Outro é o portador do simbólico e da linguagem e é por meio dele que se dá o ponto de origem do sujeito.

Neste estágio, encontramos o primeiro tempo do Complexo de Édipo na teoria lacaniana. O primeiro momento é marcado pela dualidade e nele a criança busca poder satisfazer o desejo da mãe, isto é, *to be or not to be* o objeto de desejo da mãe (LACAN, 1957-1958). Dessa forma, pode-se dizer que a criança está assujeitada e alienada nesta relação de ser identificada com a mãe.

A equivalência simbólica proposta por Freud que diz que bebê=falo possibilitou a Lacan construir a lógica de colocar a criança em posição de identificação com o falo materno (QUINET, 2006). Assim, no primeiro tempo do Édipo, o que está em jogo é a própria existência do eu a partir da crença da criança de *ser*

o falo da mãe. Seria um momento pleno de um narcisismo paradisíaco, mas não o é pela presença de marcas paternas no psiquismo da mãe.

Mesmo que o tempo do Estágio do Espelho seja marcado pela ordem do imaginário, o campo simbólico, na melhor das hipóteses, se faz presente no psiquismo materno por meio da linguagem. A função simbólica no inconsciente surge a partir do Nome-do-Pai, que consiste na lei atribuída ao pai simbólico (LACAN, 1957-1958).

Para Francischelli (2016, p. 79), “a presença paterna no leite materno convulsionará o binômio mãe-filho”, dando um basta na relação narcísica estabelecida. O autor traz que a interferência do pai nessa relação de pleno gozo é fundamental para que se estabeleça o corte que introduz a noção de tempo e diz da existência de outros mundos além deste paraíso. Impulsiona, dessa forma, a individuação da criança.

A partir do exposto, entendemos que a ausência dessas marcas paternas desde a ação específica por parte da mãe será determinante no futuro desencadeamento da psicose. A ausência do Nome-do-Pai na mãe em um momento de fundação do eu do bebê resulta em uma relação em que só existe o eu e não o tu. No lugar do simbólico que registraria a diferença e a falta, fica um vazio. Se o sujeito não se constitui enquanto ser faltante, não há o que desejar. A única saída será a não renúncia ao narcisismo e o desencadeamento da psicose.

A etapa em que a inserção do Nome-do-Pai efetivamente acontece refere-se ao segundo tempo do Édipo. O pai entra na relação como o responsável pela separação da mãe com a criança, frustrando esta e se tornando o falo. Aqui o pai se insere enquanto metáfora no lugar da ausência da mãe, servindo como suporte identificatório do ideal do eu (QUINET, 2006). É a inclusão do pai simbólico que marca a entrada do sujeito na ordem simbólica e inaugura o surgimento da cadeia de significantes no inconsciente.

No terceiro tempo, culmina a castração. Nesta etapa, inicialmente, o pai é personificado e colocado em primeiro plano como o pai real, detentor do falo e da coerção no acesso à mãe, ligando-se à lei primordial da proibição do incesto (BORGES; SILVA, 2012). Ele já não é o falo, mas passa a ter o falo. Nesse sentido o falo ocupa não somente o lugar de objeto que priva a mãe, mas também o

lugar de desejo da mãe. Para Borges e Silva (2012), é justamente esta mudança do “ser” para o “ter” o falo que possibilita a saída do Édipo pela via da identificação do Ideal de Eu.

Após esta explanação, constatamos a complexidade do ingresso no campo edípico ao implicar sacrifícios, uma vez que a criança tem que se deparar com a falta e com a decepção de não ser ou ter o falo – e de que, de fato, ninguém o tem. Em contrapartida a moeda de troca é a promessa de que um dia ela pode obtê-lo ao se identificar com o pai (ideal de eu).

Quando a função simbólica falha desde os tempos iniciais do Édipo e da relação mãe-filho, o restante do caminho pode ficar prejudicado em decorrência destas drásticas consequências estruturais. Não pagar o preço do comprometimento simbólico resulta no surgimento da psicose. O drama da loucura encontra-se na incapacidade de o sujeito lidar com o universo simbólico, e é neste registro que Lacan coloca a condição essencial desta enfermidade: a forclusão do Nome-do-Pai e o fracasso da metáfora paterna (QUINET, 2006).

A forclusão (*Verwerfung* freudiana) parte da significação do Nome-do-Pai, que possibilitaria ao sujeito inscrever-se em uma significação fálica que lhe permitisse se situar na divisão entre os sexos e se posicionar diante da castração. Nas palavras de Lacan:

A *Verwerfung* será tida por nós, portanto, como forclusão do significante. No ponto em que, veremos de que maneira, é chamado o Nome-do-Pai, pois pode responder no Outro um puro e simples furo, o qual, pela carência de efeito metafórico, provocará um furo correspondente no lugar da significação fálica (LACAN, 1958, p. 564).

Da mesma forma, a forclusão, na tradução de Nasio (1997), é a exclusão para fora do eu da imagem-lembrança que reaparece alucinada, isto é, a alucinação é o aparecimento no real de um elemento excluído no simbólico. Na psicose, uma parte da simbolização primitiva não se efetua, sendo rejeitado no real algo de primordial quanto ao ser do sujeito. A inviabilidade do ingresso no simbólico gera um psiquismo marcado pela pobreza de sentidos. A alucinação e o delírio,

que acontecem *a posteriori*, são uma tentativa de significação de fatos não compreendidos e não representados ligados à castração.

Após esta explanação, pensamos que as marcas narcísicas são fundamentais para compreendermos as origens do enlouquecimento. No entanto, elas, por si só, não constituem um trauma suficiente para desenvolver a psicose. Somente a passagem pelo Complexo de Édipo (e a vivência da castração) dará credibilidade aos acontecimentos vivenciados a partir das fases primitivas, promovendo, *a posteriori*, o surgimento da sintomatologia psicótica (FRANCISCHELLI, 2016).

3 NORMAN BATES: A TRAGÉDIA DE UM EU APRISIONADO

Recorreremos ao filme *Psicose* na tentativa de dialogar com os aspectos teóricos abordados anteriormente. Daremos prioridade ao segundo tempo do filme, marcado pelo surgimento do personagem de Norman Bates e pela famosa cena do assassinato de Marion, porque nele temos elementos suficientes para os possíveis elos com a teoria das psicoses.

Em uma noite chuvosa, Norman Bates, proprietário de um decadente motel, recebe a hóspede Marion. O encontro entre os dois protagonistas revela um jogo de sedução sem disfarces. Marion se apresenta como mulher e Norman fica claramente desajeitado perante seu desejo em relação a ela. Ao buscar um sanduíche em sua casa para jantarem juntos, o personagem tem um embate com sua mãe que censura duramente a possibilidade de encontro dele com a moça. Ainda assim, ele opta por jantar com Marion no escritório do Motel, sugerindo um eu capaz de se diferenciar de uma represália materna.

Nesse momento, acontece um dos pontos fortes do filme. Marion, ao aceitar o sanduíche, mostra uma abertura em relação a Norman. O diálogo entre eles assume inicialmente uma forma erótica, ficando explícita, no decorrer da conversa, uma mudança. No desconforto dele, se desnuda um despreparo para viver um encontro amoroso pela sua necessidade de reafirmar o apego em relação à figura materna, afinal “o melhor amigo de um garoto é sempre sua mãe” (sic). A aparição dessa bela mulher joga na superfície algo que inicialmente fica mascarado naquele jovem proprietário de motel de aparente funcionalidade. Há uma

alteração em sua postura que direciona o espectador para sentimentos de tensão, despertando uma sensação de que *algo* está prestes a acontecer.

Para Zizek (2010), Norman encontra-se aprisionado ao desejo da mãe, ainda não submetido à Lei paterna, o que remete não ao desejo no sentido neurótico, mas a uma pulsão pré-simbólica. O autor refere que Marion nos conduz ao registro do desejo; já Norman, ao da pulsão. Essas diferenças estruturais ficam evidentes, pois ela se encontra no campo do sujeito faltante, que fantasia e almeja um ideal. Por outro lado, ele vai na contramão do Édipo, não renunciando a posição de ideal e ficando alienado ao desejo materno.

Aquele que assiste à cena é levado a uma experiência visual que conduz a um universo sombrio e primitivo. O escritório marcado por uma decoração antiga e repleta de animais eternizados pela taxidermia, termo grego que significa “dar forma à pele” (OLIVEIRA; MACHADO, 2011, p. 52), nos dirige a outra modalidade de tempo. Podemos interpretar este contexto como representativo da temporalidade de um narcisismo arcaico marcado pela imortalidade, sem passagem nem perda.

Norman mostra que o refúgio ao narcisismo é a alternativa possível ao deparar-se com uma situação de invasão libidinal estimulada pela presença de Marion. A fala proibitiva da mãe (que representa o superego materno) e a passividade de Norman perante esses imperativos mostram a ineficácia da lei simbólica desde a mãe. A inoperância da castração (em termos freudianos) ou a ausência do Nome-do-Pai (em Lacan), que caracterizam a psicose do personagem/filho, nos fala da impossibilidade destes registros da personagem/mãe.

Pela falta do registro da Lei em sua subjetividade, Norman não tolera não ser o objeto-falo do Outro. Dessa forma, em nome do zelo filial estabelecido entre ele e sua mãe, ocorre o assassinato da moça. Do gabinete, Norman observa por uma fenda Marion despir-se para se banhar. Em seguida, já no banho, ela é esfaqueada brutalmente com um punhal por Norman, transvestido numa mulher velha.

Um motivo aparentemente fútil, um jogo de sedução qualquer entre um homem e uma mulher, desencadeou uma profunda desordem interna em Norman. Espiar pelo buraco da fechadura faz parte das experiências sexuais infantis dos meninos, e é fundamental para o acesso ao mundo da sexualidade faltante. Entretanto, isso requer uma organização psíquica suficiente para que o processo seja

elaborado. O eu de Norman evidencia sua incapacidade de enfrentamento desta situação à maneira neurótica. Ele não pode “matá-la de amor”, em seu sentido metafórico. A morte acontece em sua literalidade.

O elemento da falta e da castração foi ativado a partir do encontro erótico com Marion e, principalmente, da visão do seu corpo nu. Assim como o eu se constitui por meio do reflexo de imagens corporais, o corpo também tem relevância na teoria freudiana na vivência do complexo de castração, já que ela se inicia com a percepção da diferença anatômica entre os sexos. Em Freud (1924b), a angústia gira em torno do pênis e a ameaça de perdê-lo ocorre diante das represálias parentais ligadas às experiências sexuais infantis e da consideração da ausência deste órgão na menina. A própria fenda pela qual Norman espia nos conduz ao deslizamento para os órgãos genitais femininos associados à privação do pênis e à possibilidade de castração para aqueles que o possuem.

Lacan (1955-1956), no Seminário 3, desenvolve a ideia da situação responsável pelo desencadeamento de uma condição delirante, afirmando que ela acontece quando o sujeito é confrontado com o buraco que sempre existiu. Na psicose o elemento masculino está de fora e quando ele se impõe, enquanto posição terceira na relação que tem por base a dupla imaginária, o sujeito reluta ao chamado por meio do surto. Seria todo o momento em que o eu, aparentemente estável em seu duplo especular, estaria ameaçado.

Dentre as situações em que há o apelo ao nome do pai, temos o contato sexual com outro sexo quando o sujeito é chamado a exercer uma função fálica e a significar a diferença entre os sexos (QUINET, 2006). O encontro sexual com uma mulher envolve a presença do significante do Nome-do-Pai. Ao se deparar com Marion, o terceiro se apresenta na relação dual de Norman com a sua mãe e ameaça a estrutura psíquica erguida em bases frágeis. A impossibilidade de Norman dar sentido ao jogo erótico com Marion aparece no real. A morte fora retrata a trágica morte de dentro – daquilo que não pôde ser inscrito psiquicamente.

Eis que surgem perguntas: e o que acontece com Norman ao ser tomado por uma agressividade crua e que surge em ato? O que acontece em alguns casos de psicose em que, ao invés de desencadear delírios e alucinações, o sujeito é tomado por uma fúria incontrolável que leva ao homicídio?

Sabemos que Norman, ao cruzar com Marion, regride ao período em que o eu tem uma função alienante em relação à mãe. É em decorrência desta alienação que encontramos a marca da agressividade na constituição dos sujeitos (LACAN, 1949). Ao recuar para esta etapa, Norman revive com Marion os aspectos mais primitivos de uma relação dual como o amor, o erotismo e a agressão em suas intensidades.

A intenção agressiva surge na identificação com o Outro, com o qual a criança vive de maneira ambivalente toda a gama de reações de impotência e ostentação (LACAN, 1948). Ao mesmo tempo que o eu ama a mãe de maneira erótica e passional, ele também a odeia e a toma como rival. O aspecto hostil surge com a intenção de reafirmar a existência do eu perante ela a qual anseio, mas a que fico assujeitado por completo. Dessa forma, a agressividade é constitutiva do eu e está inserida na ordem libidinal dos sujeitos, estando presente na posterioridade, nos efeitos de todas as regressões, de todos os abortamentos e de todas as recusas do desenvolvimento, especialmente no plano da realização sexual (LACAN, 1948).

O destino da agressividade no devir do sujeito é variável. Naquele que conta com a mediação do simbólico, ela pode ser sublimada ou recalcada; em contrapartida, na ausência deste recurso, como acontece na psicose, ela surge descarregada em ato (FERRARI, 2006). No caso de Norman, o desejo por Marion não é notadamente um desejo com contornos edípicos. Ele evoca a natureza arcaica das primeiras relações de alienação com o Outro, tendo como consequência a erupção do ódio. O ato violento irrompe como uma tentativa desesperada de reassegurar a existência do eu. A música aterrorizante e a brutalidade com que Norman usa o punhal atingem a quem assiste, colocando no contexto cinematográfico a intensidade da desestruturação do seu psiquismo, descortinando a trágica consequência de uma não inscrição da castração.

E o que podemos pensar sobre o fato de Norman transvestir-se em mulher no ato do assassinato de Marion? Apoiado na teoria freudiana de que a diferenciação dos sexos se estabelece pela primazia do falo, Lacan (1973) propõe a existência da lógica fálica perante a qual o sujeito deve se posicionar enquanto homem e enquanto mulher. No sujeito psicótico não há acesso à função fálica que permita que ele se posicione sexualmente.

O empuxo-à-mulher surge como uma solução (LACAN, 1973) que faz com que, por meio dele, o sujeito seja arrastado para o ponto no qual há a falta de significante para dizer o sexo. Esse ponto seria aquele relacionado a uma orientação feminina do gozo marcado pela prevalência do registro especular. Nesse sentido, a inoperância da função fálica que restringe o gozo traz como consequência para o sujeito a sua submissão a ser o objeto de gozo do Outro, emergindo um gozo sem limites.

Essa invasão de gozo é o que leva o psicótico a uma certeza delirante de transformação em mulher, estando à mercê de Outro que goza dele como um corpo de mulher (ALMEIDA, 2015). O psicótico experimenta-se como objeto de gozo do Outro, um gozo ilimitado, que se diferencia do gozo fálico. Assim, não se trata da inscrição do sujeito no lado mulher da partilha dos sexos, e sim um gozo ligado à falta da função fálica e à falta do registro simbólico essencial para o posicionamento no sentido de ser homem ou ser mulher. Norman, ao se transvestir em mulher, mostra o aprisionamento à modalidade de gozo absoluto e o impedimento de inserção no mundo da sexualidade e do desejo faltante.

Hitchcock, ao incluir este elemento na cena principal do filme, mostra a sua genialidade, levando o espectador à lógica do enlouquecimento do protagonista. Põe a olhos nus a tragédia interior e a ausência de subjetividade de Norman, estando confinado tanto à imagem materna quanto à modalidade do gozo absoluto que permeia essa relação. Sua existência só está garantida pela presença da mãe, inclusive em sua materialidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O enredo trágico e assustador criado por Hitchcock encena o desespero do personagem Norman ao ter o eu aprisionado a um espaço circunscrito pelo desejo materno. O filme, além de narrar o caso de Norman, retrata a história de sua mãe que é morta, mas que consagra uma imortalidade na própria psicose de seu filho.

A ausência da inscrição do Nome-do-Pai no psiquismo da mãe não mostrou a Norman a presença de um desejo para além dele nos primeiros tempos edípicos. Nesse sentido, o que temos aqui é uma mãe esquizofrenizante, que não permite

saída alguma que não atender à sua necessidade de completude. Como consequência, Norman forclui a castração e fica impossibilitado de alcançar, posteriormente, o próprio desejo. Isso faz da mãe também uma assassina, ou melhor, uma filicida, que mata a possibilidade de Norman existir em sua subjetividade.

O filme nos oferece elementos para concluir que existe uma estruturação de fácil desestruturação nas psicoses. Isso significa que algo pôde ser edificado e constituído psiquicamente, mas, em decorrência dos buracos presentes em sua base, não tem sustentação suficiente para desatrelar-se das garras de um narcisismo absoluto.

A falta de simbolização sofrida em decorrência do processo defensivo (a *Verwerfung* perante a castração) faz com que Norman adoeça ao não poder renunciar à unidade mãe-filho e abrir espaço para a terceirização edípica. Refugia-se, assim, em um lugar de certezas e garantias assegurado pelo elo com a figura materna; em contrapartida, inviabiliza o desfrutar da sexualidade genital – faltante – com Marion.

A partir da clínica psicanalítica em consultórios particulares e, principalmente, em ambulatórios de saúde pública, sabemos que, assim como Norman, existem muitos outros homens presos em seus delírios, suas alucinações e seus atos violentos em decorrência da falha da função simbólica. Ao chegarem nestes espaços de possibilidade de escuta, pensamos na importância do processo analítico no sentido da possibilidade de inauguração de uma forma diferente de existência para estes sujeitos.

Inevitavelmente, a relação do paciente psicótico com o analista estará inundada pelo universo dual no qual aquele está inserido. O mergulho nas profundezas da formação do eu é o que torna estes tratamentos tão difíceis. Entretanto, o possível progresso das análises está atrelado à inscrição da função paterna no analista, dando espaço para o aparecimento do *tu* na relação analítica. Somente a partir destas condições a construção de uma história própria para estes sujeitos será possível, dando sentido ao que fica fora do psiquismo nos delírios, alucinações e atos agressivos desmedidos. Esse percurso de recuperação da história dos fatos que a defesa psicótica eliminou é o que poderá abrir portas para que estes sujeitos ocupem um lugar marcado pela singularidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Y. dos A. **A psicose e o empuxo-à-mulher**: considerações preliminares apoiadas em casos de paranoia. 2015. 76 f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

BORGES, B.; SILVA, K. A escuta do dizer psicótico: possibilidades de encontro do sujeito com sua existência. In: PAIM FILHO, I. A.; ALMEIDA, R. M. C. de (Orgs.). **Entre Schreber, Freud e a clínica**: escritos da alma. Porto Alegre: Letra&Vida, 2012.

FERRARI, I. Agressividade e violência. **Revista Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 49-62, 2006.

FRANCISCHELLI, L. A. **Zugrunde Gehen**: o trabalho da psicanálise. Porto Alegre: Criação Humana, 2016.

FREIRE, J. Uma reflexão sobre a psicose na teoria freudiana. **Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 85-110, 1998.

FREUD, S. (1883). Estudos sobre a histeria. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 2).

_____. (1886). Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 3).

_____. (1894). As neuropsicoses de defesa. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 3).

_____. (1911). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (*dementia paranoides*). In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 12).

_____. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 14).

_____. (1918). História de uma neurose infantil. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 17).

_____. (1924a). Neurose e psicose. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 19).

_____. (1924b). A dissolução do complexo de Édipo. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 19).

LACAN, J. (1946). Formulações sobre a causalidade psíquica. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. (1948). A agressividade em psicanálise. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. (1955-1956). **O seminário**: livro 3: as psicoses. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. (1957-1958). **O seminário**: livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. (1958). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. (1964). O sujeito e o outro (I): a alienação. In: _____. **O seminário**: livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. (1973). O aturdido. In: _____. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

NASIO, J. D. **A alucinação e outros estudos lacanianos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

OLIVEIRA, R.; MACHADO, E. Taxidermia na educação ambiental. **Anuário de produção acadêmica docente**, São Paulo, v. 5, n. 12, 2011.

PAIM FILHO, I. Destinos pulsionais narcísicos: o arcaico no psiquismo (sobre Schreber em nós). In: PAIM FILHO, I.; ALMEIDA, R. M. C. **Entre Schreber, Freud e a clínica**: escritos da alma. Porto Alegre: Letra&Vida, 2012.

PESSOA, F. (1928). **Tabacaria**. Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/textos/163>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

QUINET, A. **Teoria e clínica da psicose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

ZIZEK, S. **Todo lo que usted siempre quiso saber sobre Lacan y nunca se atrevio a preguntarle a Hitchcock**. Buenos Aires: Manantial, 2010.

About the psychotic destruction and the Norman Bates psychosis

ABSTRACT

This study aimed a deepening about the etiology of psychosis. A theoretical course will be held, starting from Freud and Lacan studies about psychotic structure. The theory will be illustrated with the case of Norman Bates, main character in Hitchcock's Psycho, looking for support in the psychoanalytic readings of Žižek about the subject. The tragic and scary plot enacts the protagonist's despair to have an imprisoned self o a circumscribed space in the maternal desire. The lack of symbolization suffered as a result of defensive process (the *Verwerfung* against castration) makes Norman sick not being able to resign the mother-child unit, opening some space to the oedipal triangulation. Take refuge, thus, in a place of certainties and garantes by the link with the mother; in contrast, makes it unfeasible to enjoy genital sexuality. In psychoanalytic clinic, against psychosis, it is fundamental the registration of the paternal function in the analyst, giving space for the emergence of *you* in the analytic relation. Only from this conditions building a history proper for this patients will be possible, course that the psychotic defense has eliminated, opening doors to occupy a place a place marked by singularity

Key Words: Psychoanalysis. Psychosis. Foreclosure.